



ADMA

on line

Junho 2025



*Ad Iesum per Mariam
- a Jesus por meio de Maria -*

Sumário

Editorial - 3

Maria em Pentecostes: Mãe presente no nascimento da Igreja.

Formação - 4

O eterno repouso. A solidariedade espiritual dos Cristãos.

Alfabeto Familiar - 5

H como **Hooking up**.

Beatos e Santos Salesianos - 7

São José Cafasso.

Crônica de Família - 9

- Pracharbon – Uma rede de corações.
 - 18 de abril de 1869 – 18 de abril de 2025. 156 Anos da ADMA.
 - A ADMA Primária em Oração pelo Papa Francisco.
 - Brasil – A ADMA Inspeção de São Paulo se reúne na Região Capital.
-

Intenção mensal de oração - 11

Para crescer na compaixão pelo mundo.

ENVIE UM ARTIGO E FOTO: Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para adma@admadonbosco.org. É indispensável indicar no assunto do e-mail "**Crônica de Família**" e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país). *Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site www.admadonbosco.org, e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.accompagnate da una didascalía.*



Maria em Pentecostes: Mãe presente no nascimento da Igreja

Pentecostes é um dos momentos centrais da vida da Igreja. O Espírito Santo, prometido por Jesus, desce sobre os apóstolos e os transforma em testemunhas corajosas do Evangelho. Esse dia marca o início da missão evangelizadora e a abertura da Igreja ao mundo. No entanto, muitas vezes esquecemos de um detalhe fundamental: Maria estava lá.

A presença de Maria no Cenáculo não é um elemento secundário. É uma chave para compreender como Deus age na história da salvação. Assim como o Espírito Santo desceu sobre ela na Anunciação para tornar possível a Encarnação do Filho de Deus, agora o mesmo Espírito desce sobre a comunidade cristã reunida em oração, com Maria ao centro. Ela não é apenas a mãe biológica de Jesus, mas participa ativamente do nascimento da Igreja, o Corpo de Cristo.

Maria não prega e não ocupa o primeiro lugar. O seu papel é mais profundo: apoia a fé, fortalece a esperança, alimenta a unidade. Ela está com os apóstolos como mãe e como crente. A sua fé inabalável, a sua disponibilidade ao projeto de Deus e a sua presença orante criam as condições espirituais para que o Espírito Santo possa agir plenamente. A sua maternidade agora se estende a toda a Igreja.

Na espiritualidade de Maria Auxiliadora, esta verdade assume um significado particular. Chamamos Maria de “Auxílio dos Cristãos” não apenas porque ela protege e ajuda nos momentos de dificuldade, mas, também, porque acompanha e sustenta a vida da Igreja desde o início. No Pentecostes, a vemos como a primeira a esperar com fé, aquela que não se afasta do caminho, que permanece com os discípulos quando tudo parece incerto.

Nos tempos de confusão, de mudança ou de busca de significado, a atitude de Maria no Pentecostes tem muito a nos ensinar. Ela não se desanima nem se precipita. Sabe esperar. Reza. Permanece. Ela nos mostra que a ação do Espírito não se impõe pela força, mas se acolhe com um coração aberto. Como Associação de Maria Auxiliadora, somos chamados a viver esta mesma atitude: confiar, rezar e trabalhar em comunhão com a Igreja, sabendo que o Espírito Santo continua a agir hoje, como em

Pentecostes. E que Maria, como naquela época, ainda hoje está presente, ajudando-nos a acolher este dom.

Neste mês de junho, peçamos a Maria que nos ensine a acolher o Espírito com docilidade e coragem. Que Ela nos ajude a ser uma Igreja missionária, unida e aberta ao que Deus quer realizar neste tempo.

Pe. Don Gabriel Cruz Trejo,
SDB Animador Espiritual ADMA Valdocco.

Giuseppe Tufano,
Presidente ADMA Valdocco.



Formação

O eterno repouso. *A solidariedade espiritual dos Cristãos*

Em comunhão espiritual

A Igreja é infinitamente maior do que aquilo que se vê! Ela se estende a regiões que hoje são inacessíveis para nós, que não podemos experimentar, mas sabemos com certeza de fé que elas fazem parte dela.

Há apenas um Corpo de Cristo, que é a Igreja. Mas os membros deste Corpo estão atualmente distribuídos em diferentes estados: parte deles na *glória*, desfrutando eternamente daquele Senhor a quem amaram e serviram em vida; outros, tendo concluído o seu caminho na terra na amizade com Deus, ainda esperam a sua purificação, não como uma punição imposta de fora, mas como exigência de amor para poderem desfrutar da santidade de Deus; e finalmente todos nós, que caminhamos pelas estradas da vida, indo em direção ao Senhor.

A unidade do corpo eclesial é tal que a única e mesma vida divina, a graça, circula livremente entre todos os membros que permanecem no espaço desta comunhão. É esta a raiz de toda a comunhão, da concórdia e do afeto mútuo.

O fato de serem bens espirituais não deve diminuir seu real significado, como se se tratasse de algo que fica à margem da realidade. “Espiritual” equivale a “sumamente real”, embora seja a expressão de uma realidade imaterial e, portanto, invisível aos sentidos.

Os bens da graça, então – diferentemente do que acontece na economia monetária – podem agir solidariamente em benefício de outros, sem com isso empobrecer os seus proprietários. Eis porque podemos desfrutar, de agora em diante, da intercessão de Nossa Senhora e dos Santos e somos chamados, ao mesmo tempo, a ser generosos em nossos sufrágios pelos defuntos. A oração *O eterno repouso* tem lugar aqui.

A caridade da oração

Se a solidariedade quanto aos bens de primeira

necessidade é digna de mérito, quanto mais benemérita será a solidariedade nos bens espirituais, que é a única coisa de que necessitam os fiéis defuntos que ainda precisam de purificação! Não é por acaso que *rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos* é uma obra de misericórdia espiritual, um genuíno ato de caridade.

Nesse sentido, o purgatório não deve ser entendido como uma espécie de “punição” infligida por Deus, o que seria difícil de conciliar com Sua disponibilidade ao perdão. Paradoxalmente, a exigência do purgatório só pode ser compreendida a partir do amor misericordioso de Deus. Contemplar o Rosto de Deus, vê-Lo “face a face” (1 Cor 13, 12), é, de fato, a meta de todo o desejo humano; isso requer um *amor expandido*, indispensável para acessar a intimidade de tal comunhão. No caso – bastante comum, na crença habitual da Igreja – de que tal grau de amor não tenha sido alcançado em vida, será necessário um exercício suplementar de caridade, que se realize como *purificação*. Eis, portanto, o purgatório: uma grandiosa demonstração de misericórdia, idealizada pela benevolência divina para que mesmo aqueles “tímidos no amor” possam desfrutar da felicidade que é Deus.



As almas do purgatório amam a Deus irresistivelmente, mesmo que ainda estejam privadas da visão d’Ele: é nisso que consiste, na verdade, o seu castigo, o “fogo purificador” do purgatório. No entanto, eles sentem o desejo de tal purificação, que é sentida como necessária e, portanto, totalmente bem-vinda.

A prática dos sufrágios – dos quais *O eterno repouso* é talvez a expressão mais comum – permite-nos participar desta obra de purificação, em virtude daquela solidariedade nos bens espirituais que é recíproca na Igreja: do céu à terra (*intercessão*) e da terra ao céu (*sufrágio*). Ao fazer isso, podemos “emprestar” aos nossos irmãos falecidos o que lhes falta como indivíduos, mas a Igreja como um todo já possui e, portanto, pode compartilhar com eles também.w



Quão devem ser gratos àqueles que, podendo dispor livremente de seus próprios atos, orações e méritos na terra, os dirigem precisamente a eles, para abreviar a sua purificação, participando dela! Quando chegarem a Deus, não deixarão de interceder pelos seus “benfeitores”! Rezar frequentemente O eterno repouso é um modo simples e eficaz de praticar a caridade do sufrágio: é meritório recitá-lo pelos nossos entes queridos e amigos falecidos, mas também quando tomamos conhecimento da morte de uma pessoa, de uma notícia brutal, quando passamos em frente a um cemitério... a caridade de um O eterno repouso não se nega a ninguém!

“Dai-lhe, Senhor, o repouso eterno e brilhe para eles a Vossa luz”

Rezando O eterno repouso, imploramos luz e repouso para os falecidos: repouso (réquiem) após as adversidades e as preocupações terrenas, luz para cruzar o limiar escuro da morte, para nós. Entrar em mais detalhes imaginativos seria arriscado, e O eterno repouso sabiamente permanece em silêncio. Além disso, quando pedimos a Deus que permita que nosso falecido desfrute da luz de seu rosto,

o que mais deveríamos acrescentar? Ele não é a nossa luz e a nossa paz, o nosso tudo?

Se ao menos pudéssemos ver a realidade como os nossos falecidos a compreendem agora! Provavelmente sorriríamos diante de algumas preocupações que agora nos parecem terríveis e, em vez disso, começaríamos a nos preocupar seriamente com outras coisas que agora consideramos sem importância.

Ouçamos o que nos sussurram os nossos queridos falecidos: *Se visseis as coisas como eu as vejo... Se soubésseis o valor dos pequenos sacrifícios escondidos, que no fim da vida dão uma consolação inimaginável! Se soubésseis quão grande é o valor, diante de Deus, da perseverança na caridade, da fidelidade aos compromissos de vida assumidos, do aguentar as adversidades silenciosamente... Se pudésseis compreender a preciosidade da oração de intercessão e de sufrágio, quantas coisas mudariam em vós!*

Pe. Marco Panero, SDB

Alfabeto Familiar

H como *Hooking up*

Você já ouviu falar sobre isso? É uma prática muito comum entre os jovens nos Estados Unidos. Literalmente, significa “ficar”. Consiste em conhecer alguém, fazer sexo sem envolvimento emocional ou afetivo e, em seguida, ir embora tão depressa quanto se encontraram. Geralmente se trata de sexo oral, raramente satisfatório para as meninas, mas também aceito por elas. Um relacionamento consumado sem o estresse do relacionamento e sem o peso da responsabilidade.

Sexo sem amor

Era normal pensar que o sexo era a linguagem do amor e que estava intimamente ligado aos acontecimentos da vida. Mas o que está acontecendo hoje? Logo podemos dizer que se trata do fruto amargo do medo: concluindo, **se faz sexo sem amor porque se tem medo de amar**, e tem-se medo de amar porque o amor faz sofrer, expõe ao sofrimento: melhor recorrer ao prazer imediato.

Os psicólogos já deram o alarme: na experiência sexual, observa-se hoje um preocupante declínio do

desejo. Não há nada que surpreenda nisso: é o fruto amargo do ceder aos dois dogmas do nosso tempo: o de **otimizar o prazer e o de evitar toda dor**. Uma condição de bem-estar imediato e protegido que, com dificuldade concedemos aos recém-nascidos: das cólicas infantis às fissuras maternas, até o desmame da mãe, tudo nos leva a crer que o gozo imediato certamente não é o ideal a ser buscado, senão o delírio a ser evitado.

O homem é verdadeiramente humano quando ultrapassa o horizonte da satisfação das necessidades e entra no do reconhecimento das pessoas, quando passa do apego ao seio materno ao reconhecimento do rosto da mãe! O amor humano amadurece na passagem do amor narcisista para o amor altruísta, ***do amar o outro pra mim, ao amar o outro por si só!***

O sexo reduzido ao prazer

Por trás da redução do sexo ao prazer, há uma vasta operação cultural que há muito planeja a negação do amor, a mortificação da vida e a destruição da família, como lugar primordial do amor e da vida e



o espelho humano do rosto de Deus.

A tentativa de minar os fundamentos familiares do amor e da vida acaba mostrando sua face diabólica em seus efeitos de abstração, de confusão e de divisão. Não é à toa que as Escrituras dizem que o Maligno é “mentiroso” e “assassino” e, particularmente, dizem que o Anticristo é aquele que “nega a Deus na carne” e aquele que “nega o Pai e o Filho”. Ou seja: como o amor autêntico é concreto, todo amor falso buscará negar a verdade dos corpos e dos vínculos.

Pense nas figuras do amor promovidas nos últimos dois séculos: passam do amor romântico, tipicamente desencarnado, ao amor erótico, tipicamente carnal. Com um duplo efeito confuso: a promoção do amor desencarnado atenuou a sensibilidade à diferença entre os sexos, enquanto a promoção do amor carnal enfraqueceu o erotismo, cuja força vital é o desejo. **Negada a sexualidade e desaparecido o erotismo, resta espaço apenas para a busca do prazer como um fim em si mesmo**, que entrega o amor humano à deriva da insensatez e da violência.

A gramática dos sexos e a sintaxe da família

Agora, o sexo rápido e irresponsável não faz bem a ninguém: nem para mulheres, que gostam de intimidade física, especialmente quando ela é vivenciada dentro de um relacionamento amoroso significativo; nem para os homens, cujo desejo sexual, sendo orientado para o ato e não para o relacionamento, requer uma difícil jornada de amadurecimento. O sexo prematuro, somente orientado para o prazer, na verdade deixa feridas profundas na alma das meninas e entrega os meninos à degradante escravidão do sexo, cuja indústria nunca foi tão florescente. Trata-se então de reencontrar e aprofundar um conhecimento sábio do homem e da mulher, que hoje ou é silenciado ou é falsificado. T. Cantelmi faz uma boa observação: “O desejo das meninas é a coisa mais distante da experiência de ficar, e muitas vezes, apesar de saberem muito bem o que é e o que implica, elas não deixam de formar expectativas de um relacionamento, muitas vezes frustrados, com profundos sofrimentos. Poucas



meninas conseguem realmente compreender que a experiência dos jovens do sexo masculino em relação à sexualidade é diferente e que o modo que os adolescentes têm hoje de viver e enfrentar a intimidade física alimenta o pior tipo de sexualidade masculina”. Com tudo isso, não se

pode desanimar. O poder de persuasão do amor verdadeiro ressurgiu continuamente até mesmo das cinzas. Paul Ricoeur, um dos maiores filósofos contemporâneos, observou corretamente que, apesar das tentativas de desqualificar a família através da promoção do amor livre, **o matrimônio ainda é um vencedor hoje** e, em última análise, “continua sendo a melhor oportunidade para a ternura”, porque mantém unidos o momento erótico e a duração do vínculo, reconcilia a espontaneidade e a responsabilidade, harmoniza o desejo e a lei, realiza o milagre de tornar o prazer e o amor, do homem e da mulher, uma coisa só!

Pe. Roberto Carelli SDB

(Fonte: Roberto Carelli – Alfabeto Familiar)



Beatos e Santos Salesianos

São José Cafasso



O Papa Pio XI, em 1º de novembro de 1924, aprovando os milagres para a canonização de São João Maria Vianney e publicando o decreto de autorização para a beatificação de Cafasso, aproximou essas duas figuras de sacerdotes com as seguintes palavras: “Não é sem uma especial e benéfica disposição da Divina Bondade que assistimos a este surgir no horizonte da Igreja Católica de novos astros, o pároco d’Ars e o Venerável Servo de Deus, José Cafasso. Exatamente essas duas belas, queridas, providencialmente oportunas figuras são-nos hoje apresentadas; pequena e humilde, pobre e simples, mas, entretanto, gloriosa a figura do pároco d’Ars, e a outra bela, grande, complexa, rica figura de sacerdote, professor e formador de sacerdotes, o Venerável José Cafasso”. Trata-se de circunstâncias que nos oferecem a ocasião para conhecer a mensagem, viva e atual, que emerge da vida deste santo. Ele não foi pároco como o Cura d’Ars, mas foi sobretudo formador de párocos e padres diocesanos, também de padres santos, entre os quais São João Bosco. Não fundou, como outros santos sacerdotes do século XIX piemontês, institutos religiosos, porque a sua “fundação” foi a “escola de vida e de santidade sacerdotal” que realizou, com o exemplo e o ensinamento, no “Internato Eclesiástico de São Francisco de Assis”, em Turim. José Cafasso nasceu em Castelnuovo d’Asti, no mesmo lugar de São João Bosco, em 15 de janeiro de 1811. É o terceiro de quatro filhos. A última, a irmã Marianna, será a mãe do Beato José Allamano, fundador dos Missionários e Missionárias da Consolata. Nasce no Piemonte do século XIX, caracterizado por graves problemas sociais, mas também por muitos santos que se comprometiam a saná-las. Eles estavam ligados entre si através de um amor total a Cristo e uma profunda caridade pelos pobres: a graça do Senhor sabe difundir e multiplicar as sementes de santidade! Cafasso completou os estudos secundários e o biênio de filosofia no Colégio de Chieri e, em 1830, ingressou no Seminário Teológico, onde, em 1833, foi ordenado sacerdote. Quatro meses mais tarde ingressou no lugar que, para ele, se tornará a fundamental e única “etapa” de sua vida sacerdotal: o “Internato Eclesiástico de São Francisco de Assis”, em Turim. Ali entrou para se aperfeiçoar na pastoral, colocou à disposição seus talentos de diretor espiritual e seu grande espírito de caridade. O Internato, na verdade, não era sobretudo

uma escola de teologia moral, onde os sacerdotes jovens, provenientes sobretudo do campo, aprendiam a confessar e pregar, mas era também uma verdadeira escola de vida sacerdotal, onde os presbíteros se formavam na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola e na teologia moral e pastoral do grande Bispo Santo Afonso Maria de Ligório. O tipo de padre que Cafasso encontrou no Internato e que ele próprio contribuiu para reforçar – sobretudo como Reitor – era aquele do verdadeiro pastor, com uma rica vida interior e um profundo zelo no cuidado pastoral: fiéis à oração, engajados na pregação, na catequese, dedicados à celebração da Eucaristia e ao ministério da confissão, segundo o modelo encarnado por São Carlos Borromeu, São Francisco de Sales e promovido pelo Concílio de Trento. Uma feliz expressão de São João Bosco resume o significado do trabalho educativo naquela Comunidade: “no Internato, aprendia-se a ser sacerdotes”. São José Cafasso tratou de aplicar esse modelo na formação dos jovens sacerdotes, a fim de que, por sua vez, se tornassem formadores de outros sacerdotes, religiosos e leigos, segundo uma especial e eficaz cadeia. Da sua cátedra de teologia moral, educava para serem bons confessores e diretores espirituais, preocupados pelo verdadeiro bem espiritual da pessoa, animados pelo grande equilíbrio no sentir a misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, um agudo e vivo sentido do pecado. Eram três as virtudes principais do Cafasso professor, como recorda São João Bosco: prudência, calma e cautela. Para ele, a verificação do ensinamento transmitido era constituída pelo ministério da confissão, ao qual ele próprio dedicava muitas horas do dia. A ele recorriam bispos, sacerdotes, religiosos, leigos eminentes e pessoas simples: a todos sabia oferecer o tempo necessário. De muitos, pois, que se tornaram santos e fundadores de institutos religiosos, ele foi um sábio conselheiro espiritual. O seu ensinamento nunca foi abstrato, com base sobretudo nos livros que se utilizavam naquele tempo, mas nascia da experiência viva da misericórdia de Deus e do profundo conhecimento da alma humana, adquirido ao longo do tempo transcorrido no confessionário e na direção espiritual: a sua era uma verdadeira escola de vida sacerdotal.



O seu segredo era simples: ser um homem de Deus; fazer, nas pequenas ações diárias, “aquilo que pode resultar na maior glória de Deus e na salvação das almas”. Amava de modo total o Senhor, era animado por uma fé profundamente enraizada, sustentada por uma profunda e prolongada oração, vivia uma sincera caridade para com todos. Conhecia a teologia moral, mas conhecia também as situações e os corações das pessoas, das quais se fazia encarregado, como o bom Pastor. Quantos tiveram a graça de lhe serem próximos foram transformados em outros tantos bons pastores e válidos confessores. Indicava com clareza a todos os sacerdotes a santidade a se alcançar no próprio ministério pastoral. O beato padre Clemente Marchisio, fundador das Filhas de São José, afirmava: “Entre no Internato sendo um grande arteiro e um cabeça de vento, sem saber o que significava dizer ser padre, e saí totalmente diferente, compreendendo plenamente acerca da dignidade do sacerdote”. Quantos sacerdotes foram por ele formados no Internato e, depois, seguiram-no espiritualmente! Entre esses – como já disse – emerge São João Bosco, que o teve como diretor espiritual por 25 anos, de 1835 a 1860: primeiro como clérigo, depois como sacerdote e, finalmente, como fundador. Todas as escolhas fundamentais da vida de São João Bosco tiveram como conselheiro e guia São José Cafasso, mas de um modo bem preciso: Cafasso nunca tentou formar em Dom Bosco um discípulo “à sua imagem e semelhança”, e Dom Bosco não copiou a Cafasso; o imitou certamente nas virtudes humanas e sacerdotais – definindo-o “modelo de vida sacerdotal”, mas de acordo com as suas próprias atitudes pessoais e a própria vocação peculiar; um sinal de sabedoria do mestre espiritual e de inteligência do discípulo: o primeiro não se impôs sobre o segundo, mas o respeitou na sua personalidade e o ajudou a ler qual era a vontade de Deus sobre ele. Com simplicidade e profundidade, o nosso Santo afirmava: “Toda a santidade, a perfeição e o lucro de uma pessoa está no fazer perfeitamente a vontade de Deus [...]. Felizes nós se, de fato, ao buscar assim o nosso coração no de Deus, ao unir totalmente os nossos desejos, a nossa vontade à sua, chegemos a formar um coração e uma vontade somente: desejar o que Deus quer, querê-lo daquele modo, naquele tempo, naquela circunstância que deseja Ele e desejar tudo isso não por nenhuma outra coisa a não ser porque Deus o quer”. Mas um outro elemento caracteriza o ministério do nosso Santo: a atenção aos últimos, em particular aos encarcerados, que na Turim do século XIX viviam em lugares desumanos e desumanizantes. Também neste delicado serviço,

realizado durante mais de vinte anos, ele sempre foi o bom pastor, compreensivo e compassivo: qualidade percebida pelos detentos, que acabavam por serem conquistados pelo verdadeiro amor, cuja origem era o próprio Deus. A simples presença de Cafasso fazia o bem: serenava, tocava os corações endurecidos pelos acontecimentos da vida e, sobretudo, iluminava e balançava as consciências indiferentes. Nos primeiros tempos de seu ministério em meio aos presos, ele recorria muitas vezes a grandes pregações, que chegavam a envolver quase toda a população carcerária. Com o passar do tempo, privilegiou as pequenas catequeses, feitas nos colóquios e nos encontros pessoais: respeitoso dos acontecimentos de cada um, afrontava os grandes temas da vida cristã, falando da confiança em Deus, da adesão à Sua vontade, da utilidade da oração e dos sacramentos, e cujo ponto de chegada era a Confissão, o encontro com Deus feito por nós misericórdia infinita. Os condenados à morte eram objeto de especialíssimo cuidado humano e espiritual. Ele acompanhou ao patíbulo, depois de ter-lhes confessado e administrado a Eucaristia, 57 condenados à morte. Os acompanhava com profundo amor até o último suspiro de sua existência terrena. Morreu em 23 de junho de 1860, depois de uma vida ofertada inteiramente ao Senhor e consumida pelo próximo. O Venerável Servo de Deus Papa Pio XII, em 9 de abril de 1948, proclamou-o patrono das prisões italianas, e com a Exortação apostólica *Menti nostrae*, de 23 de setembro de 1950, o propôs como modelo aos sacerdotes comprometidos na Confissão e direção espiritual. (O presente perfil retoma a catequese de Bento XVI - Audiência Geral, 30 de junho de 2010).

Oração

Amado São José Cafasso, Vós que fostes o apóstolo dos presos e dos condenados à morte, o formador de sacerdotes e o consolador dos pobres, fazei com que aqueles que levam uma vida de miséria sintam, próximo deles, o amor de Deus. Confiamos a Vós sobretudo aqueles que têm a prisão do pecado em seus corações ou que estão presos por causa de seus erros; intercedei por todo arrependimento sincero e pelo poder da Misericórdia de Deus. Intercedei por nós pelo dom da fé sincera, da esperança viva, da caridade fiel. Obtendemos do Senhor, por Vossa poderosa intercessão, as graças as quais mais necessitamos. Amém.

Pe. Pier Luigi Cameroni Sdb



Crônica de Família

Pracharbon – Uma rede de corações



O meu sacerdócio cresceu no ensino aos clérigos, na escuta das consagradas e no acompanhamento das famílias. Para mim, dizer “Pracharbon” é dizer, experiência de Igreja: presença de Jesus e Maria, comunhão de leigos e sacerdotes, consagrados e consagradas, homens e mulheres, adultos e crianças, famílias e família salesiana. Quer dizer fé e amizade, exercícios e férias, empenho e leveza, silêncio e canto, adoração e serviço, conversão e amadurecimento, educação e restituição.

Dizer “Pracharbon” é para mim o coração que se enche de admiração e emoção, de alegria e gratidão: tanta graça e tanto agradecimento, beleza do carisma salesiano, onde se vive tudo por amor e nada por força, fecundidade daquela porção da Família Salesiana que é a Associação dos devotos de Maria Auxiliadora. Nada de especial e tudo especial. Os ingredientes do “acampamento de verão” são os de todos e de sempre no contexto dos exercícios espirituais cristãos, mas a mistura é especial, não tanto planejada pelo homem, mas inspirada por Deus. A direção é claramente a de Maria, a sabedoria e a alegria espiritual as de Dom Bosco, os detalhes arraigados na experiência dos sacerdotes e jovens que nos precederam e acompanharam. Como podemos esquecer Pe. Domenico Rosso e Pe. Pierluigi Cameroni?

Entre os pontos fixos amadurecidos ao longo dos 20 anos que recordamos com gratidão, o primeiro é, sem dúvida, o de um grande amor a Jesus e a Maria, vivenciado como presente, ativo e inseparável:

daí a centralidade da Palavra, da Eucaristia e da Reconciliação, e as práticas inevitáveis relacionadas à Adoração, ao Rosário, à consagração e à entrega a Maria. Outro ponto fixo, inspirado na sabedoria pedagógica de Dom Bosco, é o de não se limitar aos acontecimentos, nem mesmo apenas propor caminhos, mas oferecer percursos, porque a continuidade e a vida cotidiana, o ser fiel e o saber recomeçar são decisivos: há um tema formativo que acompanha todo o ano em sintonia com os caminhos da Igreja e da Família Salesiana, há o acompanhamento pessoal e de casal, há a cadência dos retiros mensais e a hora de oração no dia 24 de cada mês. O terceiro ponto fixo é o selo familiar: os exercícios são para todos, especialmente para os cônjuges, mas não sem os seus filhos e filhas, que por sua vez fazem uma experiência recreativa e formativa, de diversão e de serviço. O espírito de família também significa solidariedade concreta, afetiva e efetiva com as famílias ou as pessoas mais pobres: uma experiência de povo que não é minimalista nem elitista, uma autêntica rede de oração e de solidariedade. E quer dizer, também, um estilo de precisão e de flexibilidade, onde os aspectos organizacionais não prevalecem sobre a primazia dos relacionamentos.

Que o Senhor continue abençoando abundantemente este encontro anual na intimidade com Deus, na beleza da natureza, na alegria da amizade cristã.

Pe. Roberto Carelli



18 de abril de 1869 – 18 de abril de 2025. 156 Anos da ADMA

Movido pelo Espírito Santo e respondendo às urgências e sinais dos tempos, Dom Bosco deu vida a várias forças apostólicas e a um vasto movimento de pessoas, que de diferentes maneiras trabalharam em favor dos jovens e das classes populares. **A Associação de Maria Auxiliadora** foi fundada por Dom Bosco, como instrumento privilegiado para “promover a veneração ao Santíssimo Sacramento e a devoção a Maria Auxiliadora”. Foi erigido canonicamente no Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, em **18 de abril de 1869**, e foi “considerado por ele quase parte integrante da sociedade salesiana”. Em 5 de abril de 1870, Pio IX erigiu-a a Arquiconfraria, com direito de agregar em si as Associações surgidas em todas as partes do mundo com os mesmos propósitos e com o mesmo nome. Em 5 de julho de 1989, o Reitor-Mor Pe. Egidio Viganò reconheceu oficialmente a pertença da Associação de Maria Auxiliadora à Família Salesiana. As testemunhas diretas viram na Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora uma das iniciativas mais caras a Dom Bosco e uma das mais ressonantes, depois das duas Congregações religiosas dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora e da Associação dos Salesianos Cooperadores. Foi Dom Ottaviano Riccardi, Arcebispo de Turim, que aprovou a formação da ADMA em 18 de abril de 1869. Dom Bosco atribuiu o nascimento da Associação aos repetidos pedidos de todo o mundo e de pessoas de todas as idades e condições durante e após a construção e consagração da Basílica de Turim. Além de ser uma associação fundada por Dom Bosco, é um dos 32



Grupos da Família Salesiana, uma associação laical, um itinerário de formação, santificação e apostolado salesiano, um caminho compartilhado de defesa e testemunho da fé católica; um grupo que vive e propaga o culto de Jesus na Eucaristia. **Fazer parte da ADMA significa seguir um caminho de santificação e apostolado de acordo com o Carisma de Dom Bosco, assumindo como Mãe e modelo Maria Auxiliadora. Mais de 50 países e 800 grupos. Cada grupo no mundo torna-se intérprete da sua realidade local e atualiza a fidelidade ao carisma de Dom Bosco, vivendo um caminho de santidade e simplicidade no cotidiano. O envolvimento dos jovens no caminho espiritual da ADMA é muito importante** para que eles experimentem a maternidade da Igreja e de Maria. Intensa é também a ação pastoral e educativa com os jovens casais e as famílias. Em 2003, a Santa Sé aprovou o Regulamento renovado, um testemunho da vitalidade da Associação, que deseja caminhar em harmonia pastoral e espiritual com a Igreja e com a Família Salesiana. Com o animador espiritual Pe. Gabriel De Jesús Cruz Trejo, a ADMA se propõe a individualizar os caminhos mais adaptados às realidades locais para tornar concreta a espiritualidade mariana e para manter firmes os valores da associação, ao mesmo tempo em que reconhece operar em uma realidade hoje cada vez mais em transformação. Este ano, o aniversário da Associação coincidiu com a Sexta-Feira Santa, que representa, no mistério da Páscoa, o modo mais autêntico de viver e celebrar a ADMA.

A ADMA Primária em Oração pelo Papa Francisco

A ADMA Primária desejou viver o encontro mensal do dia 24 – dia dedicado a Maria Auxiliadora - com uma intenção especial e sentida por toda a Família Salesiana. Nessa ocasião, convocaram-se todos os grupos da ADMA a rezarem o Terço do dia 24 pelo Papa Francisco, pedindo que o Senhor o acompanhe com a Sua Misericórdia em sua volta para a Casa do Pai e que a Mãe Auxiliadora esteja ao seu lado, assim como sempre esteve em sua vida dedicada à Igreja.





Inicialmente, gostaríamos de expressar nossa gratidão ao Senhor Nosso Bom Deus pelo grande presente que o Papa Francisco foi para a Igreja, através de seu exemplo de humildade, de misericórdia, de amor aos necessitados e à paz. O Papa Francisco representou a figura do “bom pastor”, que consegue se aproximar de todos, sem distinção. Ele escolheu o caminho da humildade e da ternura, caminhando ao lado dos últimos, dos migrantes, dos pobres, dos doentes. Com o coração agradecido, nós o confiamos a Deus para que possa contemplar em plenitude, a Sua face, com as palavras que Ele

mesmo dedicou a Maria, a Mãe de todos: “Entre os vários meios pelos quais o Espírito Santo realiza a sua obra de santificação na Igreja – Palavra de Deus, Sacramentos, oração – há um em particular: a piedade mariana. Na tradição católica, há este lema, o ditado: “Ad Iesum per Mariam”, isto é, “A Jesus por Maria”. Nossa Senhora nos faz ver Jesus. Ela nos abre as portas, sempre! Nossa Senhora é a mãe que nos conduz pela mão até Jesus. Nunca Nossa Senhora indica a si mesma, Nossa Senhora aponta para Jesus. E esta é a piedade mariana: a Jesus, pelas mãos de Nossa Senhora.”

Brasil - A ADMA Inspetoria de São Paulo se reúne na Região Capital

O encontro da ADMA CAPITAL, realizado no dia 29 de março, na Paróquia de Santa Luzia, no Jardim Nordeste, em São Paulo, contou com a participação de aproximadamente 130 pessoas dos sete grupos locais que compõem a ADMA Região Capital (Alto da Lapa, Itaquera, Bom Retiro, Santa Teresinha, Liceu Sagrado Coração, Jardim Nordeste e Guarujá). Durante o dia houve momentos de rica espiritualidade, formação salesiana, partilha, adoração ao Santíssimo Sacramento, o Santo Rosário e uma peregrinação para fortalecer a nossa vida e a nossa vocação como ADMA na Família Salesiana. O evento representou a esperança e o fermento de novas vocações para a ADMA, como sonhavam Dom Bosco e Madre Mazzarello.

Após a alegre acolhida de Pe. Luiz Paulo aos participantes, Pe. Vinicius Ricardo, delegado inspetorial da ADMA, refletiu sobre o tema principal do Jubileu, “Peregrinos da Esperança”, para enfatizar o compromisso da Igreja em promover a paz, o cuidado com a criação e a solidariedade com



os mais vulneráveis. Ele fez um paralelo com os ensinamentos de Dom Bosco, que dedicou a sua vida pela salvação dos jovens, não apenas no aspecto religioso, mas no salvar os jovens de sua situação para promover uma vida melhor com esperança. Isso nos leva ao convite à transformação. Ele transformou o coração do jovem, da família, da comunidade e da sociedade e trouxe esperança para a vida, assim como cada membro da ADMA deveria viver e semear em seus próprios grupos e em sua vida cotidiana.

Pelos peregrinos da esperança

Para crescer na compaixão pelo mundo

Desejamos unir as orações de todos os grupos Adma no mundo todo pela intenção do Papa Francisco.

Para crescer na compaixão pelo mundo

Rezemos para que cada um de nós encontre consolo no relacionamento pessoal com Jesus e, aprenda do Seu Coração, a compaixão pelo mundo.

